

esperada, para outros e outros ainda, assumiria a autoridade da cultura e do ouro, fazendo-se invencível comandante de legiões.

— o —

Acumulavam-se os projetos pessoais dos poderosos do mundo para Aquele que chegaria na condição de Interventor Celeste...

— o —

Dizem que o Pai Supremo estudou longamente os desencontrados apelos que lhe eram endereçados e, conquanto permitisse, confiantemente, que José e Maria sofressem pesadas humilhações na chegada a Belém, determinou que Jesus Cristo nascesse ao pé dos animais, num leito de chão, desvinculado de todos os compromissos da Terra, para que a revelação da Eterna Verdade não ficasse escrivizada a ninguém.

Irmão X

A DISCÍPULA

Às irmãs da Escola Jesus Cristo

NO tempo de Jesus, ao pé do Tiberíades, havia uma mulher humilde e pobre, que havia conhecido o Senhor e se fizera sua amiga devotada, nas horas mais amargas de sua passagem pela Terra.

Conheciam-na como a Discípula de Jesus, vivendo das recordações carinhosas e ternas do Cordeiro.

— o —

O Mestre havia expirado na Cruz, seus apóstolos haviam se dispersado no mundo e a Galiléia era, agora, um deserto verde, cheio de sol, onde o lago famoso era uma taça de lágrimas cristalinas, vertida pela natureza, em me-

mória d'Aquele que lhe preferira os encantos singelos, distante das vaidades materiais.

— o —

A Discípula, porém, amava ao Messias e estava ali para servi-Lo, com a sua dedicação. Peregrinos de longe batiam-lhe à choupana agreste, aberta constantemente às criancinhas e aos desamparados da sorte, com quem repartia o pão minguado de sua existência honesta.

Se as provas eram amargas, Jesus era a claridade confortadora de sua vida.

— o —

Anos passaram.

Na sua região, a Discípula era um símbolo de humildade e de trabalho, de caridade e de alegria.

— o —

Certa tarde, a filha da Galiléia abandonada sentou-se ao pé de seu casebre triste.

Seu coração, cansado de bater, recordava na sombra as lições do Messias.

— o —

Era a hora em que a natureza se aquietava, como ovelhinha mansa, para lhe ouvir a palavra tocada de suave mistério.

Parecia-lhe rever o Senhor, junto do lago extenso. Sentia-se em retorno à mocidade distante e inclinava-se ante a Sua figura Inesquecível.

— o —

Em dado instante, contudo, um leve ruído despertou-a. Aproximava-se um mendigo. As sombras do crepúsculo não lhe permitiram divisar seus traços fisionômicos, mas, os peregrinos eram tantos, que não constituía surpresa recebê-los, no seu pouso singelo, em todos os instantes do dia.

— o —

— Entra irmão! — Exclamou a serva de Jesus, com um sorriso bondoso.

O mendigo penetrou o humbral, abençoando-a com um olhar de luz, que brilhava entre os trapos de sua vestidura como uma estrela divina.

— o —

A Discípula deu-lhe pão e um tapete humilde para o repouso das chagas dolorosas que lhe sangravam o corpo, encorajou-o com palavras de bondade e lhe falou das bem-aventuranças que o Evangelho do Senhor prometera aos mansos e aos aflitos.

— o —

O peregrino escutou-a com atenção.

— Vives só? — Perguntou ele, com inflexão de ternura.

— Vivo com Jesus! — Respondeu a serva do Senhor, com humildade.

— E não tens ninguém no mundo?

— Quem vive na fé do Messias Nazareno trabalha e espera em Sua Bondade, com profunda alegria.

— Nunca recebeste as felicidades da Terra?

— Nunca, porque espero as do Céu, onde Jesus nos promete as venturas eternas do Seu Reino.

— E tens fé?

— Sim, porque pelo Senhor troquei todas as alegrias materiais.

— o —

O mendigo observou-a em silêncio, como se, agora, estivesse absorvido em longas meditações.

— o —

— Tenho sede! — Disse ele, em tom de rogativa.

A Discípula lhe trouxe a água clara e fresca do seu cântaro.

— Doem-me as chagas pela caminhada penosa!... — Gemeu o peregrino suplicante.

A Discípula preparou um vaso de água limpa para lavar-lhe as úlceras dolorosas. Sua casa, porém, era paupérrima e não teria uma toalha conveniente para a operação necessária. Mas, de repente, lembrou-se que, um dia, observara Madalena enxugando os pés do Senhor com os anéis dos seus cabelos.

— o —

Por que não faria o mesmo com o desventurado do caminho? Jesus não recolhera todos os pobres e desventurados da sorte sobre o mundo?

— o —

Sem hesitar, depois de banhar-lhe as chagas sangrentas e doloridas, enxugou-lhe os pés com a toalha de seus cabelos abundantes, mas, nesse momento, observou que as úlceras do mendigo tinham o sinal dos cravos da cruz!... Surpreendida, levantou o olhar, mas, não viu mais o peregrino triste e esfarrapado... À sua frente, Jesus de Nazaré lhe estendia os braços amorosos, aureolado na luz de Sua Magestade Divina.

— o —

— Mestre!... — Exclamou a serva humil

de, embriagada de júbilo, com a mais forte das emoções a estrangular-lhe o peito oprimido.

— Vem, filha!... — Exclamou o Senhor, amparando-a nos braços cariciosos, com o Seu divino sorriso.

— O —

A Discípula sentiu que a transportavam a um país misterioso e sublime, onde o seu coração aliviado experimentava o beijo singular de todas as harmonias.

A Galiléia minúscula era pequenina demais para conter os júbilos de sua alma, no perfumado caminho, desdobrado no azul do Infinito, ante o sorriso doce das primeiras estrelas que fulgiam no fundo do firmamento sem fim.

No dia seguinte, em vão, chamava-se a ser-va de Deus, no seu tugúrio desalentado, e ante o seu cadáver singelo que sorria serenamente, compreendeu-se que a Discípula, conduzida por Jesus, havia partido para as Alegrias Eternas de Seu Reino.

Nina

NO SERVIÇO DO SENHOR

NÃO basta, meus amigos, converter o Espiritismo num aparelhamento complexo de afirmações doutrinárias para realizarmos a tarefa conferida às nossas mãos nos tempos que ocorrem.

Não basta enfileirar princípios e amontoar teses complicadas no campo da ciência, da filosofia, da religião.

É indispensável viver a Espiritualidade Maior, portas adentro da luta a que fomos chamados.

— O —

Não nos encontramos, desencarnados e encarnados, a serviço de programas verbalís-